

perspectiva eminentemente pedagógica.

O primeiro alvo, de caráter hermenêutico, se traduziu numa contribuição ao esclarecimento do controvertido tema da identidade e condição juvenis no contexto atual de uma sociedade complexa e em transição.

O segundo alvo, de caráter argumentativo, envolveu uma contribuição no sentido tanto de se decifrar como de se formular políticas culturais voltadas à participação ativa dos jovens na organização dos próprios espaços sociais e existenciais.

O terceiro alvo, de cunho especificamente investigativo, se refere à contribuição trazida pelos autores, através de cuidadosa pesquisa de campo, à “leitura (quantitativa e qualitativa) da atual produção oral dos jovens em situação de agregação e de tempo livre” (p. 8).

Dermeval Saviani
Universidade Estadual de Campinas

Giovani: Aspetti e problemi educativi della condizione giovanile oggi. *Ricerche Pedagogiche*, n. 116-117, luglio-dicembre 1995.

Trata-se de um número duplo, de caráter monográfico, da Revista *Ricerche Pedagogiche*, versando sobre a problemática juvenil.

O volume reúne, em suas 174 páginas, vinte artigos resultantes da contribuição de dezoito autores oriundos de nove diferentes universidades italianas (Bari, Bergamo, Bologna, Chieti, Ferrara, Firenze, Padova, Parma e Pisa).

O primeiro artigo, de autoria

do diretor da Revista, Giovanni Genovesi, versa sobre a necessidade de clareza do próprio conceito de jovem. Os demais artigos abordam, todos eles, a questão da juventude em relação com os temas da família (Enzo Catarsi), da política (Franco Cambi), escola e trabalho (Primo Magri), universidade (Luciana Bellatalla: os jovens e a universidade; e Saverio Santamaita: os jovens graduados), a profissão (Angelo Luppi), os jornais (Anita Gramigna), o associacionismo (Franco Frabboni), a educação profissional e os centros de agregação (Maura Gelati), a sexualidade (Giovanni Genovesi), a linguagem (Antonio Santoni Rugiu), a literatura (Mario Valeri), poesia (Marco Riguetti), música (Alessandra Avanzini), os meios de comunicação de massa (Luciano Galliani), cinema e teatro (Daniele Seragnoli), esporte (Piergiorgio Genovesi), violência (Lino Rossi) e tóxico-dependência (Giovanni Genovesi).

De um modo geral, os artigos se fazem acompanhar de abundantes referências bibliográficas, o que se constitui num recurso da maior utilidade para os leitores interessados em pesquisar o tema ou aprofundar o conhecimento das questões a ele relacionadas.

A simples relação dos títulos, como indicado acima, já permite constatar o leque amplo de situações referidas à questão dos jovens abrangido por essa publicação. Registre-se, ainda, o empenho de cada autor em abordar de forma sintética mas consistente os respectivos temas.

Em se tratando de um assunto em si mesmo de natureza educacional — de vez que os jovens são parte integrante, ao mesmo tempo como sujeito e objeto, do processo educativo — e considerando o enfoque

predominantemente pedagógico adotado pelos autores, resulta inegável a relevância desse número duplo da Revista *Ricerche Pedagogiche* para os pesquisadores da educação e para os educadores de maneira geral.

Dermeval Saviani
Universidade Estadual de Campinas

GUIMARÃES, Eloisa. *Escolas, Galeras e Narcotráfico*. Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-Rio, 1995 (Tese de Doutorado).

A tese de Eloisa Guimarães tem por objetivo analisar a inserção da escola pública nos diferentes processos sociais que vêm se desenvolvendo recentemente no Brasil e, principalmente, no Rio de Janeiro.

Os processos estudados são exteriores à escola. São eles: o narcotráfico, as galeras e os movimentos juvenis. Destacam-se, neste último aspecto, os movimentos de jovens que se constituem a partir de ritmos musicais, predominantemente “funk” e “house”.

Apesar de exteriores à escola, estes movimentos, e aqui está uma das grandes contribuições desta pesquisa, exercem sobre a escola uma interferência a tal ponto, que a transforma, seja em sua organização, seja na sua capacidade de cumprir com suas funções mais gerais que lhe são atribuídas socialmente.

As análises de Eloisa Guimarães são o resultado de pesquisa etnográfica realizada em duas escolas municipais cariocas, sendo a primeira localizada na área central da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, na proximidade dos

morros, nos anos de 89 e 90, onde foi pesquisado o universo do período noturno. A outra escola pesquisada localiza-se em Jacarepaguá, zona oeste, realizada entre 91 e 92, sendo o ensino diurno o universo da pesquisa.

Caracterizando os movimentos Narcotráfico

Nos diz a autora que o narcotráfico, a partir da década passada tem sofrido significativa expansão em várias cidades do mundo.

No Rio de Janeiro a presença e o poder desses grupos se fazem sentir não só pela ousadia e violência de suas ações, mas também pelo seu alto poder de organização e hierarquia interna, além de estarem associados às estruturas mais amplas do crime organizado.

O autoritarismo e a violência das ações do narcotráfico não se restringem apenas a seus membros, mas afetam a toda a população que habita nas áreas por eles ocupadas. O poder das armas de fogo é a garantia do cumprimento de acordos firmados com e entre os traficantes.

A radicalidade nas estruturas da vida da população é o que garante, segundo Guimarães, a expansão e a sobrevivência do narcotráfico no Rio de Janeiro. Com a população, o narcotráfico mantém duas formas distintas de ação: por um lado, instituem sistemas próprios de poder, baseados na força das armas e interferindo nos mais diferentes níveis de vida da população; por outro lado, oferecem "serviços" que, na verdade, deveriam ser supridos pelo Estado, tais como a proteção contra outros bandidos, construção de quadra de esportes, assistência hospitalar, medicamentos, alimentação, entre outros.

As galeras

Aqui se apresenta mais um dos

méritos da pesquisa realizada por Eloisa Guimarães: a socialização do jovem no Rio de Janeiro pelas galeras, diferenciando-a do narcotráfico.

É comum a sociedade estigmatizar os membros das galeras como bandidos e traficantes. A autora nos mostra sensíveis diferenças existentes entre os dois movimentos. Existem galeras que mantêm relação com o narcotráfico inclusive funcionando como formação de mão-de-obra para este. Outras apenas se dispõem a cumprir certas determinações dos "donos do morro", pois se organizam no território dominado pelo narcotráfico.

O que ressalta Guimarães, é que não é essa base de sua constituição. Algumas ações das galeras inclusive, atrapalham o tráfico, demandando ações de seus chefes, tidos ou conhecidos como "donos do morro" já que se articulam e atuam nas áreas dominadas pelo tráfico. Por exemplo, a briga entre galeras pode atrair a presença da polícia e afastar os consumidores de drogas.

Eloisa Guimarães nos aponta três fatores que se inter-relacionam para a constituição das galeras: a segregação social imposta aos grupos de onde elas se originam, a recente história dos movimentos juvenis em termos mundiais e a organização do crime existente nesses locais.

A violência é, sem sombra de dúvida, o principal elemento estruturador das galeras. Porém, diferente do narcotráfico, onde as relações têm por objetivo expandir os negócios do tráfico e, por conseguinte ampliar o lucro imediato, as galeras têm na organização de seu próprio movimento o foco central de suas ações.

Na organização do movimento o território ocupar lugar de destaque. A noção de território é bastante complexa e ultrapassa sua definição geográfica. Apesar de não ter sido explorada pela autora em toda complexidade que apresenta, podemos da tese extrair seu sentido como sendo um espaço para elaboração simbólica e construção da identidade desses jovens. Desarte, portanto, que as fronteiras nem sempre são visíveis, porém tacitamente acordadas entre os grupos e, dentro de seus limites, são instauradas regras e formas de comportamentos próprias daquele grupo. São muito voláteis, permanecendo em tensão constante, originadas por contínuas "brigas" pelo seu domínio.

Além da manutenção e expansão dos territórios, a violência é utilizada ainda pelas galeras, para proteção de seus membros, para impor respeito às regras, para defesa da honra que, segundo a autora, é vista pelos membros das galeras em seu sentido tradicional, ligada à brutalidade, masculinidade e virilidade.

O conceito de galera, assim definido, é realmente uma nova contribuição aos estudos da sociabilidade juvenil no Brasil. Em termos comparativos se aproxima muito mais do conceito de gangues norte-americanas, principalmente de Los Angeles¹, que àquele apresentado por Dubet, sobre as galeras francesas². No caso brasileiro e restringindo-se à questão da sociabilidade, podemos encontrar similares nas torcidas organizadas de futebol³.

"Funkeiros" e "Houseanos"

Os "funkeiros" são grupos de jovens que se constituem a partir do gênero musical "Funk", além de um estilo próprio de vestimentas e indumentárias. Apesar de não ser

uma regra, normalmente, os funkeiros são membros das galeras.

Os "houseanos" são também grupos de jovens articulados em torno da música, neste caso "house". Apesar de habitarem as mesmas áreas dos funkeiros, procuram deles distinguirem-se, no que diz respeito às vestimentas, padrões de comportamentos e, principalmente, a violência.

Nos jovens pesquisados pela autora, o "baile" apresenta-se como principal meio de diversão. Outras formas de lazer são apontadas: perambular pelas ruas com os amigos, ouvir música, conversar com os amigos, assistir televisão, jogos de rua.

Estes meios de diversão são hierarquizados pelos jovens e, a autora nos mostra que no topo da hierarquia, distante das demais, está o baile.

O baile é o acontecimento mais esperado e desejado pelos jovens. Durante a semana, por aqueles que já o frequentam ou, por aqueles que ainda não possuem idade, aguardando ansiosamente o dia em que poderão frequentá-lo.

A autora nos mostra, a partir da relação que os jovens mantêm com o baile, que a dança e a música, aliadas às formas de se vestir e os sistemas de deslocamentos em grupos aliados" (p.132), são indicativos da definição do "modo de ser" desses jovens.

Para melhor investigar a relação existente entre funkeiros e houseanos, a autora nos apresenta o conceito "Cultura da Evitação"⁴, emprestado de Silva e Milito, pois, segundo ela, tal conceito permite compreender os comportamentos e distanciamentos que se apresentam nas ruas do Rio de Janeiro, nos segmentos das classes médias em relação à população mais empobrecida, a fim de estabelecer

fronteiras no que diz respeito aos movimentos, lugares, condições de vida e violência destas populações.

A Escola

Feita essa caracterização dos movimentos, devemos retornar àquele que é o objeto da pesquisa realizada por Eloisa Guimarães.

Segundo a autora, esses movimentos estão presentes na escola levando-a a alterar suas formas de organização e, o que é mais grave, impedindo-a de concretizar suas funções mais gerais atribuídas pela sociedade.

A escola apresenta-se como um dos espaços sociais do universo estudado. E, como nos demais, as galeras e o narcotráfico estendem sobre ela suas redes de controle.

Ao longo de mais de trinta páginas, a autora relata de modo extremamente envolvente o "cerco" e a invasão da escola pelas galeras, suas motivações, além de apresentar os encaminhamentos efetuados pela direção da escola.

O cerco sobre a escola tem duas motivações, segundo Guimarães: ampliar o espaço controlado pelo tráfico e como forma de exercitar os "princípios e fazer valer os projetos organizativos das galeras" (p.40).

Contudo, ressalta a autora, as origens das brigas não são o resultados da ação direta dos traficantes, antes passam pela "intermediação de outras esferas sociais das formas de organização dos jovens membros das galeras" (p. 79), a partir de onde elas são desencadeadas, o baile principalmente.

Com relação ao narcotráfico, a escola encontra-se em semelhante posição que as populações que residem nas áreas comandadas pelo narcotráfico: ora subjugada, ora protegida. A diferença é em relação à escola as ações do narcotráfico são

infinitamente mais discretas. Para os traficantes, a escola significa a ampliação da área física para suas atividades e dos grupos sociais sob seu controle. Para a escola, a figura dos "donos do morro", apresentam-se ora como protetor, ora mediador de grupos em conflito ou sintetizando as duas funções.

É nesse ambiente no qual as escolas pesquisadas estão mergulhadas negociando sua existência ou sobrevivência com o tráfico ou isolando-se da comunidade que, segundo conclusão da autora, os padrões mais gerais que norteiam a organização da instituição escolar são rompidos. A escola perde, seu papel, assim definido por Bourdieu⁵, de transmissão da educação letrada e na inculcação no sujeito das categorias e dos esquemas perceptivos que tornam possível o consenso cultural (p. 6).

Nesse sentido, os jovens são sociabilizados a partir de processos e valores exteriores à escola.

Não constroem uma experiência escolar, antes são sociabilizados no que a autora chamou de subcultura escolar. Não são jovens "da" escola, são jovens das galeras, funkeiros, houseanos, traficantes, bandidinhos, presentes "na" escola.

A escola torna-se então, uma agenciadora de experiências que estão muito além das desejadas e atribuídas pela sociedade. Passa a não mais existir enquanto uma Instituição (no sentido sociológico do termo), mas como uma organização tentando sobreviver.

Eis o que a autora nos apresenta como sendo o grande desafio das escolas de contextos semelhantes aos aqui descritos: "encontrar formas de relacionamento e de convivência com os diferentes universos contidos em seu interior e

que se manifestam no meio circundante, sem abrir mãos de suas funções mais fundamentais” (p. 13).

Notas

- ¹ JANKOWSKI, B. *Les gangs aux États-Unis Bilan des recherches*. Relatório de Pesquisa, 1992. (mimeo)
- ² DUBET, F., LAPEYRONNIE, D. *Les quartiers d'exil*. Paris: Seuil, 1992. cap. 6. La galère.
- ³ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Editores Associados/ANPOCs, 1996
- ⁴ SILVA, Hélio R. S., MILITO, Cláudia. *Vozes do meio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- ⁵ BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: MICELLI, Sérgio (org.). *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva: 1982b

Manoel Rodrigues Portugues
Mestrando - Faculdade de Educação,
Universidade de São Paulo

MARQUES, Maria Ornélia da
Silveira. *Os jovens na escola noturna: uma nova presença*. São Paulo. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

A tese de doutorado de Maria Ornélia Marques procura entender as novas formas de socialização e sociabilidade dos jovens das classes trabalhadoras moradoras da periferia das grandes cidades brasileiras e estudantes da escola noturna, partindo de uma compreensão ampla (das diversas formas de construção da identidade)

e não mais comparando-os aos movimentos juvenis da década de 60. Para tanto, procurou traçar um perfil do aluno-trabalhador (de quinta à oitava série) de uma escola pública de 1º e 2º graus de três turnos de ensino da periferia de Salvador, por meio da compreensão da relação desse aluno com a escola, o trabalho, a família, a cultura, o lazer, sua expectativa, aspirações e como está sendo construída sua identidade desses múltiplos espaços.

No decorrer do texto vão sendo confirmadas as seguintes hipóteses:

1) A escola pública hoje não é mais freqüentada — como se pensava até então — por adultos-trabalhadores e sim por jovens trabalhadores. Os dados mostram que a grande maioria dos estudantes do período noturno pesquisado está na faixa de 14 a 24 anos, jovens que se inserem no mercado de trabalho não só por uma questão de pobreza material, mas também porque pelo trabalho passam a ser respeitados e a ter autonomia em relação ao adulto, criam um novo espaço de convivência, possibilidades de fazer novas amizades, ampliam os horizontes de conhecimento, podem consumir os bens culturais que os identificam enquanto jovens, etc.

Esses jovens que se inserem no primeiro momento no mercado de trabalho informal estão sempre oscilando entre o trabalho e a escola, pois, mantém com o primeiro uma relação de relativa responsabilidade e autonomia. Porém, tem como norte o trabalho formal para o qual a escola será um trampolim.

A escolha do período noturno na maioria das vezes se dá antes mesmo de se ter um trabalho e as causas principais são a repetência e o abandono da escola diurna.

2) O mundo do trabalho não é mais uma referência central para

analisar esses jovens-trabalhadores. A autora argumenta que as análises que colocaram o trabalho como referência central da análise da sociedade, seja apontando um caráter positivo ou negativo na sua grande maioria tiveram como objeto um trabalhador abstrato. Partindo sempre de grandes categorias sociais, não levando em consideração o que há de mais específico no trabalhador, seus desejos, aspirações, expectativas, suas formas de socialização e sociabilidade no e pelo trabalho, suas relações com a escola e com a sociedade mais ampla (família, lazer, saúde, etc.).

Além do mais há uma grande parcela de jovens desempregados ou subempregados no mercado informal de trabalho o que dificulta uma análise desses jovens a partir do trabalho formal.

3) Os jovens procuram a escola como forma de “melhorar a vida” e a mesma propicia situações de afirmação de identidade.

Os jovens subvertem a ordem da escola, ou seja, conseguem transformá-la em “locus” de sociabilidade, onde criam uma rede significativa de contatos e aprendizado (de grande peso na formação de sua identidade) e ainda essa escola representa a possibilidade de credenciá-lo (via “diploma”) para um trabalho melhor no futuro — uma vez que o mercado de trabalho tem exigido cada vez mais um alto grau de escolarização. O conteúdo das aulas é desprezado, talvez porque esses estejam distantes da realidade cotidiana do educando.

A autora parte do princípio que a função da escola — formar o cidadão através da socialização dos conhecimentos e habilidades básicas que possibilitem a decodificação das informações e valores transmitidos ao educando no seu cotidiano; habilitá-los para a participação ativa